

III Conferência Internacional PONTES Europa-China: 9 a 11 novembro 2016

# LEITURAS DE CAMILO PESSANHA POR ESTUDANTES CHINESES

Cristina Nobre, IPL e CICS.Nova-IPL

2014-2015, grupo de alunos de TIPC-CP: Célia, Ema, Emília,  
Vanessa e Violeta - *Camilo Pessanha: oriente no ocidente ou  
ocidente a oriente?*

2015-2016, grupo de alunos de LPA & LCP: Alexandre,  
Anabela, Catarina e Manoli - *Análise de poemas  
selecionados de Camilo Pessanha*



## **Camilo Pessanha (1867-1926)**

Já quase tudo foi dito ou escrito (Coelho, 1989; Camilo, 1984) sobre a biografia distante e a parca obra publicada em vida

# **Correspondência para Carlos Amaro,**

adquirida pela Biblioteca Nacional de Lisboa, em 2008

**Em muitas cartas, é também patente o seu desdém pela sociedade portuguesa de Macau. Pessanha chegou à colónia em 1894, ao que tudo indica procurando esquecer no exílio a sua paixão não correspondida por Ana de Castro Osório, e ali veio a desempenhar várias funções de relevo, quer como docente do liceu local, quer como jurista, cujo talento até os adversários reconheciam. A imagem do poeta alucinado e andrajoso, vagueando pelos antros de ópio, é uma imagem herdada do Estado Novo e que só tem alguma remota correspondência com a realidade nos anos derradeiros da sua vida. Mas é verdade que era visto como uma figura exótica na tradicionalista comunidade de Macau, onde toda a gente se conhecia. Não ia à igreja e tinha um filho de uma concubina chinesa (amantizou-se mais tarde com uma filha dela, nascida de outro pai), o que não contribuiria para facilitar a integração, que, aliás, também não parece ter desejado. (Queirós, 2009)**

# VIOLA CHINESA

Dedicado a Wenceslau de Moraes

Vai adormecendo a parlenda  
Sem que amadornado eu atenda  
A lengalenga fastidiosa.  
Sem que o meu coração se prenda,

Enquanto, nasal, minuciosa,  
Ao longo da viola morosa,  
Vai adormecendo a parlenda.  
Mas que cicatriz melindrosa

Há nele, que essa viola ofenda  
E faz que as asitas distenda  
Numa agitação dolorosa?  
Ao longo da viola, morosa...

Ao longo da viola morosa

## (中國吉他) 琵琶

沿著緩慢的玲弦  
彈拔已開始入睡  
我並未昏睡  
留意著討厭的沉長敘述

沿著緩慢的琴弦  
我的心並未被束縛  
當彈出細細的鼻音  
沿著緩慢的琴弦  
但是敏感的創傷  
還是他被琴聲冒犯  
似展開雙翼  
在痛苦的激蕩中  
沿著緩慢的琴弦

# VIOLA MOROSA...

- Há uma identificação entre poesia e música;
- O som alude, com o seu poder evocativo, a uma realidade externa não cognoscível racionalmente;
- O poema tem a visão subjetiva que evoca sons e sentidos, sensações (sinestesia);
- *Viola morosa* funciona como um refrão que aparece três vezes;
- A sonolência do sujeito poético evoca um estado de alma: o sofrimento do *eu*, evidenciando-se no final, ao ampliar a sonolência e a permanência num estado de vigília - desperta a dor da alma e ao mesmo tempo induz ao sono.

*[...] A versão chinesa adota um método livre de tradução (sentido por sentido). O autor muda a estrutura original: combina a segunda e a terceira estrofe; muda a ordem de alguns versos. No que diz respeito ao conteúdo, o texto de chegada não corresponde ao texto de partida. Alguns versos não fazem sentido semanticamente. Face aos aspetos referidos, não achamos uma boa tradução. No entanto, embora não seja uma tradução perfeita, a versão chinesa facilita o processo de entender [...]*

## BRANCO E VERMELHO

A dor, forte e imprevista,  
Ferindo-me, imprevista,  
De branca e de imprevista  
Foi um deslumbramento,  
Que me endoidou a vista,  
Fez-me perder a vista,  
Fez-me fugir a vista,  
Num doce esvaimento.

Como um deserto imenso,  
Branco deserto imenso,  
Resplandecente e imenso,  
Fez-se em redor de mim.  
Todo o meu ser, suspenso,  
Não sinto já, não penso,  
Pairo na luz, suspenso...  
Que delícia sem fim!

Na inundação da luz  
Banhando os céus a flux,  
No êxtase da luz,  
Vejo passar, desfila  
(Seus pobres corpos nus  
Que a distancia reduz,  
Amesquinha e reduz  
No fundo da pupila)

Na areia imensa e plana  
Ao longe a caravana  
Sem fim, a caravana  
Na linha do horizonte  
Da enorme dor humana,  
Da insigne dor humana...  
A inútil dor humana!  
Marcha, curvada a fronte.

Até o chão, curvados,  
Exaustos e curvados,  
Vão um a um, curvados,  
Os seus magros perfis;  
Escravos condenados,  
No poente recortados,  
Em negro recortados,  
Magros, mesquinhos, vis.

A cada golpe tremem  
Os que de medo tremem,  
E as pálpebras me tremem  
Quando o açoite vibra.  
Estala! e apenas gemem,  
Palidamente gemem,  
A cada golpe gemem,  
Que os desequilibra.

Sob o açoite caem,  
A cada golpe caem,  
Erguem-se logo. Caem,  
Soergue-os o terror...

Até que enfim desmaiem,  
Por uma vez desmaiem!  
Ei-los que enfim se esvaem,  
Vencida, enfim, a dor...

E ali fiquem serenos,  
De costas e serenos.  
Beije-os a luz, serenos,  
Nas amplas frentes calmas.  
Ó céus claros e amenos,  
Doces jardins amenos,  
Onde se sofre menos,  
Onde dormem as almas!

A dor, deserto imenso,  
Branco deserto imenso,  
Resplandecente e imenso,  
Foi um deslumbramento.  
Todo o meu ser suspenso,  
Não sinto já, não penso,  
Pairo na luz, suspenso  
Num doce esvaimento.

Ó morte, vem depressa,  
Acorda, vem depressa,  
Acorda-me depressa,  
Vem-me enxugar o suor,  
Que o estertor começa.  
É cumprir a promessa.  
Já o sonho começa...  
Tudo vermelho em flor...

Dois movimentos, de desigual dimensão:

- 1º) as nove estrofes iniciais, que detalham a dor, associada a **branco** e deserto;
- 2º) a última oitava, que clama pela morte, associada a **vermelho** e flor.

O melhor ex. do **budismo oriental** na poesia de Pessanha:  
nas primeiras 2 estrofes, o poeta trata de destruir o engano da individualidade;  
na 3ª, compreende a universalidade da dor;  
na 4ª e na 5ª, demonstra a difícil caminhada da humanidade em sua sede (ou temor) de existir;  
a 7ª e a 8ª representam a salvação, “a dor vencida, a luz serena, a calma”, quando se aproxima a revelação do Nirvana.

De acordo com as quatro verdades nobres, eixo da ética BUDISTA, a saber:

- 1) a vida é sofrimento;
- 2) a origem da dor está no perpétuo desejo de existir;
- 3) a extinção do sofrimento leva à salvação;
- 4) o caminho para a salvação tem oito estágios (implícitos na construção por oitavas do poema).

## AO LONGE OS BARCOS DE FLORES

**Só, incessante, um som de flauta chora,  
Viúva, grácil, na escuridão tranquila,  
- Perdida voz que de entre as mais se exila,  
- Festões de som dissimulando a hora.**

**Na orgia, ao longe, que em clarões cintila  
E os lábios, branca, do carmim desflora...  
Só, incessante, um som de flauta chora,  
Viúva, grácil, na escuridão tranquila.**

**E a orquestra? E os beijos? Tudo a noite, fora,  
Cauta, detém. Só modulada trila  
A flauta flébil... Quem há-de remi-la?  
Quem sabe a dor que sem razão deplora?**

**Só, incessante, um som de flauta chora...**



“os barcos de flores” não são barcos cheios de flores, **mas** designam um bordel flutuante na área de Hong Kong e da costa oriente da China em que as cortesãs cantam e tocam entretendo os convidados. Na cultura chinesa, a flor significa a mulher bonita. E os termos *yuan hua* (flor de fumo) podem recordar cortesã, tendo o significado original de fogo artificial.

A melodia de Pipa ( 琵琶行) foi escrita em 816 AD por Bai Ju-Yi (白居易).

琵琶行(白居易)

潯陽江頭夜送客，  
楓葉荻花秋瑟瑟。  
主人下馬客在船，  
舉酒欲飲無管絃。  
醉不成歡慘將別，  
別時茫茫江浸月。  
忽聞水上琵琶聲，  
主人忘歸客不發。 [...]

**Na 1ª estrofe, o poeta descreveu o som choroso da flauta e da mulher que a tocava, como *viúva* e *grácil*.**

**Na 2ª estrofe, o poeta descreve a mulher que estava de branco e tinha os lábios de carmim. E repetiu o som choroso da flauta.**

**Na 3ª estrofe, fez a oposição, dentro da orquestra, pois entre os vários sons dos instrumentos só a melodia flébil da flauta se mantinha. Acrescentou 2 perguntas para questionar se ninguém podia consolar ou perceber as dores.**

**Na 4ª estrofe, há uma repetição do verso, realçando o som de flauta.**

## IMAGENS QUE PASSAIS PELA RETINA

**Imagens que passais pela retina  
Dos meus olhos, porque não vos fixais?  
Que passais como a água cristalina  
Por uma fonte para nunca mais!...**

**Ou para o lago escuro onde termina  
Vosso curso, silente de juncais,  
E o vago medo angustioso domina,  
— Porque ides sem mim, não me levais?**

**Sem vós o que são os meus olhos abertos?  
— O espelho inútil, meus olhos pagãos!  
Aridez de sucessivos desertos...**

**Fica sequer, sombra das minhas mãos,  
Flexão casual de meus dedos incertos,  
— Estranha sombra em movimentos vãos.**



- O sujeito lírico expõe a sua vontade de morrer devido à perda das imagens.
- Por essência fugazes, as imagens, em formação e transformação contínua, são o modo de o sujeito interiorizar o mundo e também o modo de nele se inserir.
- A perda das imagens tem, assim, como consequência para o sujeito lírico a vontade de deixar de existir porque tudo passa a ser feito em vão, sendo dada uma importância enorme às imagens.
- **Como é característico da obra de Camilo Pessanha, a morte das imagens concorrerá para a morte do mundo e, assim, o *eu* deixa de ter razão de ser.**

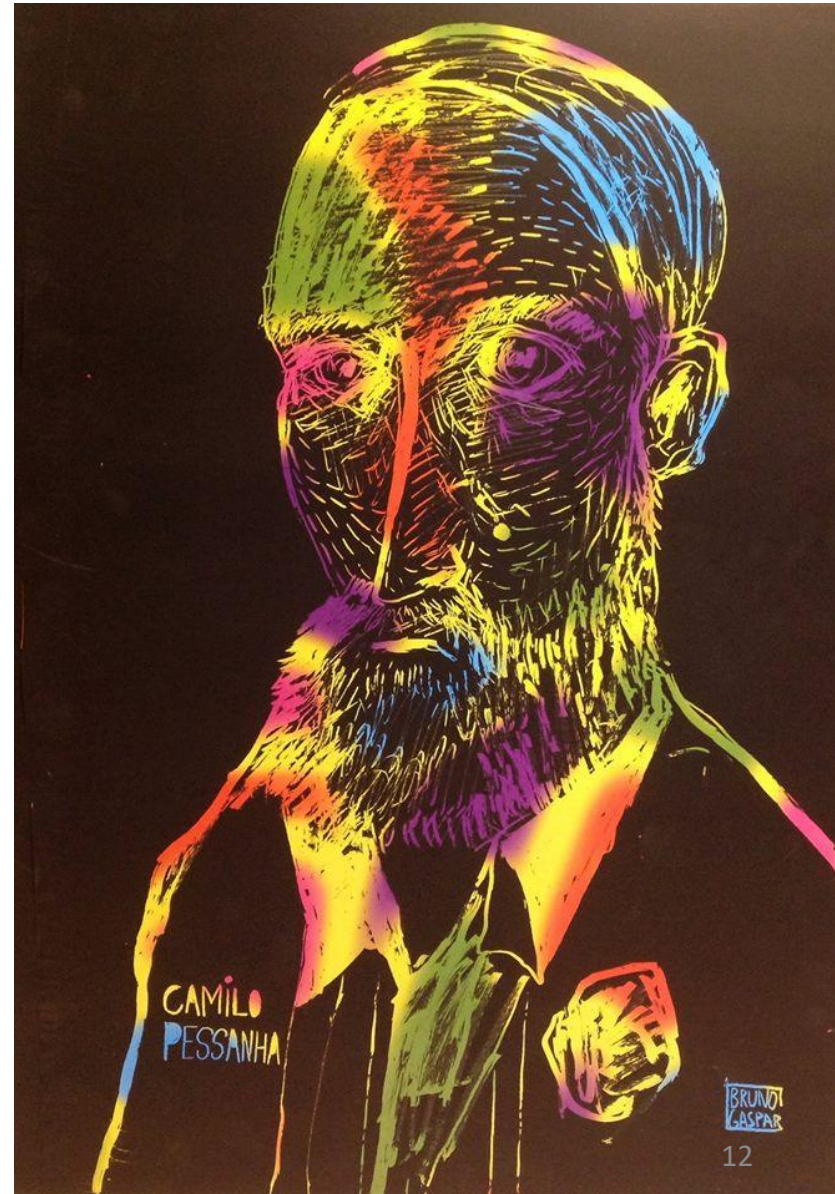
## SAN GABRIEL I

Inútil! Calmaria. Já colheram  
As velas. As bandeiras sossegaram,  
Que tão altas nos topos tremularam,  
— Gaiotas que a voar desfaleceram.

Pararam de remar! Emudeceram!  
(Velhos ritmos que as ondas embalaram)  
Que cilada que os ventos vos armaram!  
A que foi que tão longe nos trouxeram?

San Gabriel, arcanjo tutelar,  
Vem outra vez abençoar o mar,  
Vem-nos guiar sobre a planície azul.

Vem-nos levar à conquista final  
Da luz, do Bem, doce clarão irreal.  
Olhai! Parece o Cruzeiro do Sul!



A decadência pessoal é vista como parte da coletiva; como o *nós* é integrador, por essa via vê-se também a decadência do *eu*.

O poema trata de barcos no mar, que são metáforas do indivíduo ou de toda uma nação, os quais são como pequenas e frágeis embarcações, sem controlo sobre sua vida e destino, sujeitas às inconstâncias da vida e do tempo, ideia expressa no poema pelas *ciladas que os ventos armaram*.

**Aparece o ânimo abatido de um povo e do *eu* inserido nele.**

**Encontra-se no final de um processo, pois as velas já foram colhidas, as bandeiras já sossegaram e as gaivotas já desfaleceram; essas são imagens que podem simbolizar as atividades de um país, bem como de sonhos e esperanças que esmoreceram.**

Termina com a invocação de São Gabriel para que, assim como no passado, o povo possa reanimar-se.

**A decadência é tamanha que somente com o auxílio de forças sobrenaturais talvez seja possível conquistar o Bem, ou seja, as grandezas perdidas.**

## ROSA DE INVERNO

**Corolas, que floristes  
Ao sol do inverno, avaro,  
Tão flácido e tão claro  
Por estas manhãs tristes.**

**Gloriosa floração,  
Surdida, por engano,  
No agonizar do ano,  
Tão fora da estação!**

**Sorrindo-vos amigas,  
Nos ásperos caminhos,  
Aos olhos dos velhinhos,  
Às almas das mendigas!**

**Desse Natal de inválidos  
Transmito-vos a bênção,  
Com que vos recompensam  
Os seus sorrisos pálidos.**



2 partes, sendo a 1ª constituída pelas 2 primeiras quadras e a 2ª pelas 2 últimas.

A 1ª estrofe descreve a cena - uma manhã triste no inverno, com sol flácido e claro, sugerindo um clima sem criatividade;

Na 2ª estrofe acontece uma oposição: a gloriosa floração - no agonizar do ano, desponta a flor que transmite à cena uma cor colorida.

A 3ª estrofe descreve uma imagem de pessoa fraca e decadente com ásperos caminhos, olhos dos velhinhos e almas das mendigas;

Na 4ª quadra algo muda: *Transmito-vos a bênção / Com que vos recompensam / Os seus sorrisos pálidos*. O sorriso e a corola ocupam o mesmo lugar na estrofe e têm o mesmo efeito: estabelecer um contraste com a estrofe anterior.

**Este poema exprime a situação do poeta no Natal, solitário e com saudade dos amigos. É um antídoto inflexível para os apuros da melancolia e da solidão.**

# CONCLUSÕES / REFLEXÕES

***[...] Os poemas de Camilo Pessanha caracterizam-se por um forte poder de sugestão e ritmo, apresentando imagens estranhas, insólitas, não lineares, isto é, repletas de ruturas e cores – elementos tipicamente simbolistas. [...]***

***[...] Além das características simbolistas que sua obra assume, já bem conhecidas, antecipa alguns princípios de tendências modernistas. [...]***

**[...] a musicalidade da poesia de Camilo Pessanha tem muita semelhança com a poesia chinesa. Como se sabe, todos os poemas chineses antigos podiam ser cantados.[...] Outro aspeto a realçar é a presença da religião oriental. No poema *Branco e Vermelho*, os assuntos estão de acordo com as quatro verdades nobres, eixo da ética budista.**